



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Brasil

Marocco, Beatriz
Fragmentos de vidas exemplares
Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 20, núm. 2, mayo-agosto, 2013, pp.
372-389
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551014006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re²alyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Imagens

Fragmentos de vidas exemplares¹

Fragments from exemplary lives

BEATRIZ MAROCCO

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.
<bmarocco@unisinos.br>

RESUMO

O obituário é tratado como o lugar de tensão dos critérios de noticiabilidade jornalística, que segue a “pauta de Deus”. Acontecimentos impróprios e sem valor-notícia recebem uma sobrevida discursiva em dois tipos de obituário localizados na imprensa brasileira. Identificando-se com o obituário perfil, a *Folha de São Paulo* se aproxima da vertente de produção anglo-saxã. Em *Zero Hora*, não há trabalho de apuração jornalística. Este artigo é dedicado ao segundo tipo de obituário, o qual nós aproximaremos das práticas jornalísticas com base na leitura diária dos materiais publicados por ZH durante dois períodos alternados, de 10/01/2011 a 16/01/2011 e de 06/07/2011 a 08/07/2011. Neste último período, entrevistamos o obituarista e acompanhamos o processo de produção da edição do dia 07/07/2011, como ele foi influenciado pela rotina da véspera e como isso repercutiu nas colunas publicadas nos dias seguintes.

Palavras-chave: Obituário; Acontecimento; Prática Jornalística.

ABSTRACT

The obituary treated as a place of tension of the news-worthiness criteria, which follows “the agenda of God”. Events without relevance receive a discursive survival in two types of *obituary* located in the Brazilian press. Near the genre “profile”, *Folha de São Paulo* follows the Anglo-Saxon production style. On the contrary, there is no journalistic reporting work in *Zero Hora*. This paper analyses the second type of *obituary* based on two alternate periods 01/10/2011 to 16/01/2011; 06/07/2011 to 07/08/2011; in the latter period, we did an interview with the *obituary* writer, followed by the observation of the process of editing the day 07/07/2011 and how it was influenced by the column published the day before and reflected itself the following days.

KEYWORDS: Obituary; Event; Journalistic Practice.

“

Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.”

Ítalo Calvino

“

“A morte de um ser humano é sempre um e o mesmo fato – mas nunca é o mesmo acontecimento.”

Miguel Morey

Nos fragmentos que compõem um obituário, a morte ganha sobrevida discursiva. Diante dela, sempre há uma inversão no curso do tempo: é a vida que será tecida em narrativas impróprias às práticas jornalísticas vinculadas a critérios de noticiabilidade e relativos à contingência efêmera. O relato da experiência vivida no obituário, a partir de outras valorizações que não a de valor-notícia, se distancia igualmente do simples anúncio fúnebre; com ela, aparece o acontecer no fluxo da cotidianidade sob forma de um quase indizível jornalístico, do qual o obituarista vai se aproximar optando entre dois procedimentos: redação final de um texto, com base nos materiais enviados ao jornal por amigos e familiares ou a investigação jornalística.

Há, neste duplo sentido, pelo menos, dois tipos de obituário na imprensa, que correspondem a maneiras diferentes de reordenar os fatos das vidas dos obituariados. O primeiro tipo trata de enquadrar a história de cada um deles em tecido ralo, de pouca espessura, cronológico e padronizado. O outro tipo liberta o obituarista desta “Sibéria do jornalismo” e, mais concretamente, aparece nos *obituários* do *The New York*

Times (Suzuki Jr., 2008, p. 289). No primeiro tipo, próximo de um modelo clássico de obituário, formatado pelo jornal *The Times*, de Londres, os fatos da vida de pessoas importantes ou não são empilhados pelo obituarista em textos impessoais, com base em mensagens enviadas à redação. Já o obituário moderno e suas derivações estão marcados pela autoria e pela adoção da apuração jornalística.

Em alguns exemplares raros do gênero, os obituaristas já foram confundidos com pequenos deuses que dão o sopro de novas vidas àqueles que acabaram de morrer, conjugando entrevista, biografia e arte (Suzuki Jr., 2008; 2011). Nesses relatos, a morte se torna acessório de um acontecimento estético, cuja apreensão é concebida na relação entre o jornalista e o que se configura como um objeto de valor, em um ritmo que não é natural ao jornalismo; sua condição primeira é que a memória e/ou a lembrança nostálgica sejam cognitivamente elaboradas, alongando-se no espaço, entendido como possível de um jornalismo que criaria, especificamente no espaço do obituário, um lugar que quase não lhe diz respeito, mais apropriado para a história de pessoas importantes ou de indivíduos ordinários e sem importância ser acometida por um enredo literário (Greimas, 2002).

Embora o trabalho de construção conceitual tenha exigido movimentos de pesquisa bibliográfica, para mapear os tipos de obituário e o modo diferenciado de objetivação dos acontecimentos de ambos, este ensaio está voltado mais concretamente para a tensão que se cria entre os tipos de obituário de imprensa e o estudo da seção de *Zero Hora* (ZH), cujos exemplares têm parentesco com o primeiro tipo de obituário. Neles, a apuração prescinde de entrevista, se resume a um diálogo, por telefone ou e-mail, para checar os dados enviados por amigos ou familiares dos mortos à redação do jornal. Para compreender o obituário de ZH e esquadrihar as práticas em sua processualidade, adotamos dois procedimentos metodológicos: a leitura diária dos materiais publicados durante dois períodos alternados, de 10/01/2011 a 16/01/2011 e de 06/07/2011 a

08/07/2011. Neste último período, entrevistamos o obituarista, acompanhamos o processo de produção da edição do dia 07/07/2011 e como este foi influenciado pela véspera e repercutiu nas sessões publicadas nos dias seguintes. Em outros movimentos de pesquisa, entrevistamos o diretor de redação de *ZH* e o obituarista da *Folha de São Paulo* (*FSP*), nos dedicamos à leitura de obituários publicados na *FSP* e de um conjunto de *obits*, reunidos no *Livro das vidas* (Suzuki Jr., 2002), que qualificam por sua persistência há quase dois séculos uma história dos obituários, com um lugar próprio e um modo singular de objetivação jornalística da morte.

A pauta de Deus

Nos Estados Unidos, o *obit* foi reconhecido como uma “cerimônia diária de bom jornalismo” (Suzuki Jr., 2008, p. 289). Alguns textos moldaram a figura do obituarista como um cronista das vidas anônimas, ou, nas palavras de Gay Talese, um profissional realizado em sua vida anônima e no “pequeno mundo de meio-vivos e meio-mortos” (Talese apud Suzuki Jr., 2008, p. 295).

Os obituaristas norte-americanos ganharam distinção no panteão do gênero: o baixinho texano Stanley Walter, editor de cidades do *New York Herald Tribune*, foi emblemático de uma época em que a continuação das atividades da redação se dava nos *nightclubs*; Richard Pearson, do *Washington Post*, definiu a atividade em uma frase que poderia estar na mesa dos obituaristas em todo o mundo: “Deus é o meu pauteiro”; Clifton Daniel, secretário de redação do *The New York Times*, pedia aos repórteres um mergulho mais profundo nas histórias de vidas vividas e um texto escrito pela mão de um artista; Alden Whitman, copidesque que foi desviado de função para dar vida à página de obituários do *The Times*, foi considerado o pai do obituário moderno e entrou para a literatura como o “Sr. Má Notícia”, no perfil escrito sobre ele por Gay Talese.

Na década de 1960, Whitman fazia entrevistas com os futuros obituariados para apurar fatos nebulosos sobre a vida deles. As entrevistas ficavam na gaveta até a morte do entrevistado. O primeiro deles foi o ex-presidente americano Harry Truman. Em uma manhã do inverno de 1966, ele se encontrou com Truman, que, depois de um pequeno bate-papo, aliviou a tensão entre os dois dizendo que sabia do objetivo da entrevista e queria ajudá-lo da melhor maneira, o que incluiu colocá-lo em contato com o homem que estava encarregado de planejar o funeral do ex-presidente. Com Alden Whitman, o obituário do *The New York Times* passou a ser reconhecido como um dos melhores da imprensa internacional:

“

Whitman desenvolveu uma técnica específica para as entrevistas. Tendo chegado à conclusão de que o melhor que poderia extrair era uma “série de impressões sobre a pessoa”, antes do encontro ele se dedicava à lição de casa pesquisando todo o material biográfico disponível. Assim, durante a entrevista, podia “concentrar-se na observação e no registro das maneiras, nas atitudes, nos pontos de vista, na personalidade e, nos momentos certos, trazer à tona os temas que queria elucidar”.

(Suzuki Jr., 2008, p. 296)

Mais tarde, na década de 1980, em nova derivação da entrevista nos obituários, Jim Nicholson, do *Philadelphia Daily News*, deu materialidade às pequenas vidas bem vividas, com o apoio de respostas que obtinha de familiares e amigos dos mortos. Ex-detetive particular, repórter investigativo, ele recheava os obituários com entrevistas intensas com os familiares e amigos para obter características pessoais que revelavam

o obituariado. Já Robert McG. Thomas Jr. criou a cláusula *Quem*, que introduziu o aposto longo no primeiro parágrafo como o momento decisivo dos *McGs*, como eram conhecidos os obituários dedicados à garimpagem do acontecimento que dava consistência às vidas como a de Anton Rosenberg, um *hipster* exemplar:

“

Anton Rosenberg, famoso artista bissexto de Greenwich Village e músico ocasional que, no cool dos anos 50, encarnou o ideal hipster de forma tão despreocupada e com uma indiferença tão determinada que nunca chegou a ser grande coisa, morreu em 14 de fevereiro num hospital perto de sua casa em Woodstock, Nova York.

(Thomas Jr. apud Suzuki Jr., 2008, p. 267)

O *The Times* londrino formatou o obituário impessoal, longo, formal no estilo, profícuo em fatos, a versão mais conceituada sobre o lado público da vida de homens e mulheres que fizeram o século XX. Com o lançamento do jornal *The Independent*, em 1986, houve uma reviravolta neste modo britânico de fazer obituários. James Fergusson introduziu a assinatura regular das matérias, que se tornaram menos convencionais, mais opinativas e literárias. O sucesso levou o *Daily Telegraph* a editar a sua própria seção de *obits*. Em 1994, a revista *The Economist* publicou a matéria *Vida depois da morte*, sobre o que ela chamou de um novo *cult*: os obituários como entretenimento, “de longe, mais bem escritos do que as outras páginas dos jornais de hoje: anedóticos, discursivos e, ainda assim, elegantemente concisos; cultos, tocantes e, de um modo afável, quase sempre extraordinariamente engraçados” (apud Suzuki Jr., 2008, p. 307).

Pouca repercussão

No Brasil, localizamos a seção em dois jornais diários. Na *FSP*, um texto curto e autoral caracteriza o obituário publicado desde 2007, diariamente, no caderno *Cotidiano*. Enquanto na *Folha* há um processo de seleção dos acontecimentos, em *ZH* qualquer morte pode ser enquadrada na coluna. Não se pode falar de tipo predominante na imprensa nacional, nem de um estilo brasileiro de obituário. Os dois jornais tomam de empréstimo características do gênero.

Em *Zero Hora*, a morte de pessoas com proeminência social não sai no obituário ou, se for programada para a seção, provoca mudança na estrutura regular. Na *FSP*, pessoas relevantes, definitivamente, não saem na coluna, “pois o acontecimento merece mais espaço, um abre de página, um caderno especial, se for o caso”, afirma Estêvão Bertoni, obituarista da *FSP*². Os jornais brasileiros em geral costumam fazer mais ou menos a mesma coisa. As mortes são relatadas sob a forma de perfil³ em diferentes editoriais – no esporte, cultura ou na página de política, dependendo de onde a pessoa se encaixe melhor. O obituarista da *FSP* ainda concebe o obituário como um “pequeno perfil, um retrato breve sobre alguém”, que se apoia em três tipos de procedimentos: confirmação de mortes em cemitérios e velórios, pesquisa em edições antigas de jornal ou no *Diário Oficial* e entrevistas com familiares e amigos.

ZH formatou um obituário híbrido, impessoal e profícuo em fatos da vida do morto. O foco no trabalho e na família por recomendação editorial deve ser desviado para uma experiência do cotidiano, um traço de caráter marcante, ou um acontecimento específico da trajetória do protagonista que humanize o relato, mas, como dificilmente as informações que chegam à redação se referem a isso, é o obituarista que, em contatos posteriores, tenta ampliar o que os informantes normalmente não enviam para a redação, além de checar as informações e nomes e sobrenomes complicados.

Na borda inferior da seção, que é patrocinada por um crematório, *Zero Hora* esclarece que o espaço é gratuito e que as informações devem ser enviadas ao jornal com nome, endereço, número da identidade do remetente e telefone para contato, por fax ou e-mail. Na *FSP*, o leitor pode enviar sugestões de pauta, mas não há garantia de publicação, porque os “perfis obituários são fruto do trabalho de reportagem”⁴. Segundo o obituarista da *FSP*, Estêvão Bertoni, nunca faltam personagens para o espaço que enquadra pessoas comuns e desconhecidas que tenham passado por uma experiência de vida interessante⁵.

Segundo Ricardo Stefanelli, diretor de redação de *Zero Hora*, o obituário tem um redator final que reescreve textos e informações enviadas por amigos ou familiares dos falecidos e, eventualmente, também apura. Não há um padrão de texto, mas sim um tamanho aproximado e uma orientação para que o obituarista descubra os feitos dos mortos, mesmo que tenham sido pessoas comuns ao longo de uma vida. “Hoje o obituário é uma das principais escolas de texto do jornal, pois ali o jornalista – em geral um novato – aprende a escrever a história das pessoas que, aparentemente apenas levaram vidas sem grandes feitos. Ou seja, aprende a contar histórias”⁶. O obituarista atual da *Folha* tem dois diplomas: é jornalista e sociólogo.

Região dos mortos

Durante o primeiro período de observação do obituário publicado no jornal *Zero Hora*, no dia 10/01/2011, o bancário aposentado Carlos Netto, que morreu no dia 03/01/2011, aos 91 anos, vítima de complicações cardiorrespiratórias, foi aproximado da aposentada da antiga Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações (CRT) Regina Nascimento Zatt, que morreu no sábado, 08/01/2011, aos 55 anos, após dez anos de luta contra o câncer, que foi aproximada da jornalista e professora Adriana Guedes, 40 anos, que morreu na madrugada de sábado de infarto. O obituarista salientou

que Regina Zatt tinha uma fé inabalável e que, mesmo durante os últimos meses de vida, não esmoreceu. Era uma boa conselheira e ouvinte, amiga dos que estavam ao seu redor e sempre pronta a ajudar os amigos. Sobre Adriana Guedes, além da vida profissional, o que marcou a sua vida foram as suas características e hábitos de vida. “Curiosa, estudiosa e comunicativa, Adriana adorava assistir a filmes, tomar chimarrão no Parque da Redenção, conversar e fazer pesquisas na internet” (Obituário, 10 jan. 2011, p. 40).

No dia 11/01/2011, Antônia Medeiros Collares abriu a coluna, identificada por uma fotografia 3x4. Sobre o que marcou a vida da ex-primeira-dama de Porto Alegre pouco foi dito, além do que poderá ser relacionado popularmente ao cargo, isto é, que acompanhou o marido nas atividades políticas da prefeitura e que focou o seu trabalho na área de assistência social. Já Faustino Garcia, conhecido como Fausto, que ocupou a coluna ao lado, foi associado a fragmentos de uma vida muito mais intensa. Foi bancário, se aposentou pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT), trabalhou depois da aposentadoria como porteiro e ascensorista. Casou duas vezes, teve 14 filhos, cinco enteados, netos e bisnetos. Carnavalesco, ele costumava frequentar o centro da cidade com os amigos.

“

Passava suas horas de folga no centro da Capital, na Avenida Borges de Medeiros, nos bancos em frente ao Cine Vitória, com amigos. Tinha habilidade no jogo de sinuca e chegou a ser jogador de futebol de várzea.”

(Obituário, 11 jan. 2011, p. 39)

O obituário do executivo na área de exportações Carlos Alberto Wosiak, ao contrário da maioria das minibiografias do período, não teve fotografia 3x4. Seus

informantes deram sinais de que Wosiak viveu uma vida voltada para o trabalho:

“

Como dirigente empresarial, iniciou suas atividades profissionais, ainda jovem, nas empresas Recrusul, grupo formado por seu pai, Valayr Helio Wosiak, com unidades em Sapucaia do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus. Por causa do trabalho, ele acabou participando de várias feiras e eventos, tanto no Brasil como no Exterior.”

(Obituário, 11 jan. 2011, p. 39)

No obituário de Mário Velasques consta que, além de servidor público estadual aposentado, foi um gremista fervoroso:

“

[...] adorava frequentar as sociais do Estádio Olímpico, o que fez até quando suas condições de saúde o permitiram. [...]. Também gostava de aplicar trotes nos sobrinhos colorados em dias de jogo [...]. No Natal, era ele quem fazia o papel de Papai Noel, entregando presentes à família.”

(Obituário, 11 jan. 2011, p. 39)

No dia 12/01/2011, ocuparam o espaço do obituário o ex-jogador do Internacional e representante comercial Oli José dos Santos, o funcionário aposentado da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), Darcy Lothar Weber, e Ignês Zita Schuh Rücker. No obituário de Weber consta que era morador de Dois Irmãos e “orgulhava-se de

poder ajudar quando faltava um importante elemento na noite: a luz elétrica”. Ignês, segundo os seus informantes, “deixa seis filhos [...], genros, noras, 15 netos, 20 bisnetos e uma trineta” (Obituário, 12 jan. 2011, p. 43).

Ieda Maria Viero, odontopediatra, formada em Odontologia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), era apaixonada pela Itália e pelo italiano. Ieda escreveu um livro de receitas, *A tavola con gli amici*, com colegas da aula de italiano. Tinha como maior *hobby* as viagens que fazia em grupos de amigos. Na coluna ao lado, no dia 13/01/2011, foi publicado o necrológio do diretor empresarial aposentado, economista formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), José Luiz Heck, que se salientou na vida por seu trabalho na empresa *Carrocerias Eliziário* e por ter sido sócio e diretor da *Fortuny-Mapema*, de São Leopoldo (Obituário, 13 jan. 2011, p. 55).

No dia 14/01/2011, o médico Ruy Delmar Thomé, de Nova Petrópolis, formado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi associado a uma fotografia 3x4, a atividades sociais e ao *Lyons Club*. Gastão Luiz Piccoli teve uma carreira de aproximadamente quadro décadas no automobilismo. “A família, influenciada por ele, também é ligada à velocidade: os filhos Gastão e Giovanni foram pilotos e o neto Rodrigo marca presença no kart gaúcho” (Obituário, 14 jan. 2011, p. 47). Dary Schroeder, comerciante, depois de se aposentar, dedicou-se ao cuidado dos netos, dividindo-se entre Três Passos e Nova Petrópolis. Gremista, era apaixonado por esportes e jogou futebol no Tupi de Crissiumal. Gostava de cantar músicas alemãs e gauchescas e de reunir os amigos.

No dia 15/01/2011, Roberto Raul Costa Cancela, formado em Odontologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), foi lembrado por fragmentos de sua carreira: serviu no exército como dentista, foi sócio-fundador da Uniodonto, atuou como técnico-científico na Brigada Militar. Já a costureira Flávia Pegoraro Barcelos teve

como cliente Ney Matogrosso e desempenhou o papel de dona de casa. “Torcedora do Grêmio, sempre praticou atividades esportivas e mantinha a forma física com exercícios na praia de Copacabana” (Obituário, 15 jan. 2011, p. 39). Manoel Pedro Dias, mais conhecido como Manoelzinho da Zivi, dedicou-se à família e à *Zivi* Hércules, indústria de utensílios domésticos que deu origem à *Mundial S.A.* Marcolina Machado da Rosa, “vó neta”, como os netos a chamavam, foi moradora do bairro Menino Deus, durante 40 anos, e da zona sul, nos últimos tempos. Aposentada e evangélica dedicava-se à família.

No dia 16/01/2011, Nelson Kafruni, professor da Faculdade São Judas Tadeu, ex-professor da PUCRS, foi lembrado pelas relações que mantinha com os alunos que o escolheram muitas vezes como professor homenageado. Ivoni Bley, comissária de bordo na Varig e funcionária do Banco do Brasil e do Dresdner Bank Leteinamerika, ambos em Hamburgo, na Alemanha, voltou ao Brasil em 2005, escolhendo Rolante para morar e exercer seus *hobbies* preferidos, a pintura e o canto. Gostava de ouvir música clássica e de leitura. Luiz Augusto Reis Barcellos dedicou-se por mais de 30 anos à Marinha, ocupando vários postos no Brasil e no Exterior. Em 1964, recebeu a Comenda do Mérito Naval (Obituário, 16 jan. 2011, p. 43).

No dia 17/01/2011, um acontecimento rompeu com a monotonia dos textos curtos de forte natureza moral. A morte do escritor e jornalista Sérgio Jockymann foi chamada de capa, que apontou para a página 47, ocupou três colunas, do alto à metade da página, com título em duas linhas, linha de apoio, *lead* em **bold**, fotografia diagramada em duas colunas e dois boxes situados abaixo da fotografia: um informativo de suas obras e outro com a reprodução da coluna de *Zero Hora* de Paulo Santana, em que, segundo a legenda, o jornalista fez comentários sobre a doença que levou Jockymann a Campinas, onde se tratava de problemas de insuficiência renal. Na fotografia de arquivo, que ultrapassou em muito a centimetragem padrão do obituário, Jockymann

está emoldurado por uma bandeira do Rio Grande do Sul (Obituário, 17 jan. 2011, p. 47).

O obituarista

Bruno Moraes, 31 anos, estudante de jornalismo, é obituarista eventual, na ausência do titular, o também estudante de jornalismo Eduardo Rosa. Ambos são auxiliares de produção, cargo que na hierarquia da redação de *ZH* corresponde a uma posição inferior ao de repórter e ao segundo degrau de uma carreira iniciada por Bruno em dezembro de 2009, como auxiliar de redação, heterônimo do *office boy*, carregando materiais de um lado para o outro da redação. Ele é o responsável pela coluna *Informe do Ensino* e obituarista substituto.

Em um espaço de cerca de 500 metros quadrados⁷, loteados em um conjunto de ilhas, a mesa do obituarista está situada na quinta fileira, contada a partir da cabine das telefonistas, que fica no extremo oposto da sala do diretor de redação, Ricardo Stefanelli. Na mesma ilha de Bruno estão os repórteres e editores de *geral* e *polícia*.

A jornada do obituarista de *ZH* vai das 16h às 23h e está bem demarcada por uma rotina: pesquisa no *Google* para mapeamento da morte de pessoas famosas, pesquisa entre os colegas da redação sobre a relevância de algum personagem encontrado e redação dos obituários, que inclui checagem das informações armazenadas na pasta de textos, organização prévia dos textos e das fotos disponíveis, encaminhamento das imagens para tratamento (a norma é que somente o obituariado esteja na imagem), contatos com o setor de anúncios para recolher nomes de eventuais obituariados e pré-edição dos materiais.

Às 20h inicia o processo de organização das matérias no espaço disponível, após o fechamento da publicidade. O volume de anúncios fúnebres somado ao anúncio do patrocinador é que determina o que será publicado. Já esboçada por Bruno, a seção

passa por vários editores; Bruno pede que um editor das proximidades, o que tiver tempo disponível, faça uma primeira leitura dos textos, que também serão revisados pelo editor da seção, Diego Araújo e, posteriormente, encaminhados para a edição.

Nessa etapa, o obituarista recebe orientações sobre a estrutura do texto, voltadas geralmente para a ordenação das ideias ou dos parágrafos. Além disso, na diagramação e edição da página, das quais não participa, a hierarquização prévia dos textos e das imagens pode ser alterada. Foi o que aconteceu na edição de quarta-feira, 06/07/2011, quando a foto programada por ele foi ampliada para duas colunas e o número de textos da página foi reduzido em função da relevância do obituário do dono da cantina *Spina*, que acabou dominando a seção.

Um dia de obituarista

O obituário do dono da cantina *Spina* ocupou o centro do deslocamento que operamos para a observação da prática jornalística. Em função do grande volume de anúncios fúnebres, que dominaram a seção do dia 06/07/2011, o *obit* do italiano, que fez a vida em Porto Alegre, e do lugar onde se come boas massas, em que era o próprio dono quem recebia a freguesia na porta ou nas mesas, sempre sorridente, produziu um redesenho na página publicada, que havia sido planejada por Bruno na véspera, e repercutiu sobre os dias seguintes. A foto foi ampliada pelo editor para duas colunas, com legenda, e o texto, abertura de página, foi diagramado em três colunas. No restante do espaço editorial entrou somente o retrato 3×4 de Horacília Borges Guimarães, sem legenda, cercado por duas colunas de texto.

Informado sobre a morte por um amigo da família, Bruno manteve contato por e-mail com a neta de Spina. Como a maioria dos familiares que são entrevistados, ela não se negou a responder perguntas voltadas à identificação, cidade de origem, circunstâncias da morte, família e trabalho, mas deu respostas curtas, pediu para

que a *causa mortis* não fosse divulgada e frustrou a expectativa do obituarista de dar relevância ao lado humano do personagem. A pergunta sobre uma qualidade importante do avô foi respondida laconicamente pelo que permanecia em sua memória: ele gostava de dirigir e dizia não ter recebido multa alguma em mais de 50 anos.

No dia 06/07/2011, às 17h45min., preparando a página do dia seguinte, Bruno tinha oito textos prontos e dois em elaboração, que dependiam de contatos por e-mail ou telefone, para conferência de informações. Esta relativa folga se devia às sobras do dia anterior, em que apenas dois textos foram publicados no espaço editorial de menos de meia página. Em média, a seção publica entre três e quatro obituários dos cinco que recebe diariamente. Não há rejeição de textos – há, sim, prioridade para gaúchos, ou que tenham passado a vida no estado – nem dia marcado para a publicação, exceto se o material for prioritário para o editor. “Nunca me deparei com algo que não pudesse sair na seção”⁸.

O volume de anúncios fúnebres encurtou novamente a seção publicada no dia 07/07/2011. Somente um obituário ocupou cerca de um quinto do espaço total da página. Na véspera, o texto já havia sido definido pelo editor como prioritário, ou seja, estava programado para sair no outro dia. Nas operações de redação final e revisão do texto, Bruno conversou com a neta de José Carlos Moreira Wellausen para checar as informações que haviam sido enviadas, por e-mail, por um amigo da família. Na conversa por telefone, em que leu as informações recebidas, pôde corrigir a idade do morto, o dia da morte, o nome da região paulista que ele administrou, durante a gestão de Mario Covas, e a formação acadêmica da mulher com quem era casado. No início da noite, o original estava com 19 cm. Os obituários variam entre seis e 18 cm, no máximo. Após o telefonema, Bruno reduziu o texto para 16,85 cm. O obituário foi diagramado no alto da página, em três colunas, com uma foto 3×4.

No mesmo dia, Bruno se dedicou à conferência de informações do obituário de Mirthô Peçanha Martins. Em conversa por telefone com a filha dela, Márcia Martins, Bruno esclareceu algumas dúvidas ortográficas, leu o texto para que confirmasse a precisão do que já estava escrito, pediu que enviasse uma foto, que poderia ser tratada no jornal e previu que o texto seria publicado até o domingo próximo. “Mais do que preocupação com estilo autoral, buscamos a precisão nas informações que vão ser publicadas”, diz ele⁹. Isso não exige o obituarista de alguns cuidados primários da esfera da produção de sentido como, por exemplo, o uso em excesso do verbo “deixar”; ao invés de dizer “deixou três filhos”, Bruno foi orientado a escrever “teve três filhos”.

A abertura e o final das conversas fazem parte das práticas de aproximação do obituarista às fontes de informação e foram pensadas por Bruno mesmo, para tornar a relação o menos intrusiva possível neste momento em que as pessoas estão fragilizados com a perda. Depois de se apresentar, Bruno invariavelmente consultava a fonte: “Você tem um minutinho?”. Ao final, antes de agradecer pela atenção, se oferecia para acrescentar informações ou modificar o que já estava feito. “Não há uma frase padrão, tento ser o mais sóbrio possível”, diz ele, que não confunde sobriedade com frieza, nem precisão com texto burocrático: “Tento sempre valorizar algo na vida das pessoas”.

Às 21h, depois do fechamento da coluna, o obituarista inicia outro trabalho da função: ele busca os resultados da loteria no site da Caixa que copia e cola na página que será publicada no outro dia.

Considerações conclusivas

Poder-se-ia dizer, ao final, que em *Zero Hora* o obituário é uma região onde os mortos parecem iguais, em que as diferenças sociais ficam reduzidas na harmonia entre os textos curtos e moralizantes e a proximidade espacial entre eles que a seção materializa, até que, subitamente, essa sequência discursiva seja interrompida por

um acontecimento que desorganiza as práticas diárias, provoca uma concentração de espaço sem que, no entanto, a narrativização se descole da técnica de empilhamento dos fatos da vida do morto.

Nem sob a forma de exceção o *obituário* de *ZH* reivindica parentesco com a literatura e o obituarista se descola da figura proeminente do jornalista, que impera nos Estados Unidos, e da profissionalização, que se esboça na *FSP*, com o jornalista Estêvão Bertoni. Em *ZH*, o obituário é a porta de entrada para os novatos. Ali, eles aprendem a contar histórias. O que se pode observar com o acompanhamento de um dia de trabalho é que, por essa via de entrada, a apuração se reduz a um trabalho de pouca expressão criadora, que se distancia da impessoalidade da notícia, apesar de ela ser um relato impessoal, e busca alguma proximidade com o modo popular de contar histórias, à medida que enfoca os acontecimentos sem qualidade jornalística da vida dos mortos.

No entanto, em *ZH* não se trata de coletar informações, nem de desenvolvê-las com base em entrevistas jornalísticas. O obituarista se limita a checar o que chega pronto à redação em contatos por telefone ou e-mail. Nesses contatos, a sensibilidade em conduzir a aproximação com os familiares dos mortos parece ser a tônica do que é exigido da relação entre jornalista e fonte. O obituarista deve conduzir a conversa com cautela e ser menos interrogador do que preocupado com a dor dos outros e com a precisão ortográfica. O que vai de encontro ao tipo de obituário proposto pela *FSP*, que se apoia em três tipos de procedimentos de pesquisa: em materiais diversos e em entrevistas com familiares e amigos. ●

REFERÊNCIAS

- GREIMAS, Julien Algirdas. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- OBITUÁRIO. *Zero Hora*. Porto Alegre, 10 jan. 2011, p. 40.
- OBITUÁRIO. *Zero Hora*. Porto Alegre, 11 jan. 2011, p. 39.

- OBITUÁRIO. *Zero Hora*. Porto Alegre, 12 jan. 2011, p. 43.
- OBITUÁRIO. *Zero Hora*. Porto Alegre, 13 jan. 2011, p. 55.
- OBITUÁRIO. *Zero Hora*. Porto Alegre, 14 jan. 2011, p. 47.
- OBITUÁRIO. *Zero Hora*. Porto Alegre, 15 jan. 2011, p. 39.
- OBITUÁRIO. *Zero Hora*. Porto Alegre, 16 jan. 2011, p. 43.
- OBITUÁRIO. *Zero Hora*. Porto Alegre, 17 jan. 2011, p. 47.
- SUZUKI JR, Matinas. *O livro das vidas: obituários do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- VILAS BOAS, Sérgio. *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo: Summus, 2003.

NOTAS

- ¹ Trabalho apresentado no 9º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 3 a 5 de novembro de 2011.
- ² Entrevista concedida à autora por e-mail em 15/07/2011.
- ³ No livro *Perfis e como escrevê-los*, Sérgio Vilas Boas considera que o perfil, em sua feição jornalística, é de natureza autoral, focaliza apenas alguns momentos da vida da pessoa e é composto por narrativas curtas, tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter (2003, p. 13). No jornalismo, esse tipo de produção também é denominada biografia de curta duração ou reportagem narrativo-descritiva de pessoa. O perfil tem parentesco com as histórias de vida no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais.
- ⁴ Em contato inicial com a <coluna.obituários@uol.com.br>, recebemos a seguinte resposta automática: "... os perfis obituários são fruto de trabalho de reportagem da *Folha de S. Paulo*. Quaisquer sugestões podem ser encaminhadas à seção, mas sem garantias de publicação. A participação do leitor é fundamental para a seção *obituários* e quaisquer indicações, sugestões, comentários ou críticas são bem-vindos. Solicitações de registros de óbito ou anúncios de missas devem ser encaminhados a: <necrologia@uol.com.br> Desde já a *Folha de S. Paulo* agradece o contato e oferece os devidos votos de condolência a amigos e familiares".
- ⁵ Entrevista concedida à autora por e-mail em 15/07/2011.
- ⁶ Entrevista concedida à autora por e-mail no dia 02/03/2011.
- ⁷ Extensão da redação calculada por Bruno em relação direta com o apartamento em que vive, que tem cerca de 50 metros quadrados.
- ⁸ Entrevista concedida à autora, durante o acompanhamento da edição do dia 06/07/2011.
- ⁹ Entrevista concedida à autora, durante o acompanhamento da edição do dia 06/07/2011.